

O momento Ursula

A estratégia de Von der Leyen alterará fundamentalmente os fluxos comerciais e os investimentos entre a UE e a China. Pouco promissora é por isso a postura do seu companheiro de viagem Emmanuel Macron.

Madalena Resende | Observador | 6 de abril de 2023

Ursula Von der Leyen e Emmanuel Macron estão juntos na China. Contudo, embora partilhem o propósito de deter Pequim no envio de armas para a Rússia, as missões dos dois líderes são diversas. A presidente da Comissão espera apressar os Europeus na adoção de uma abordagem geopolítica das suas relações externas. Macron vai numa viagem de negócios.

Ciente das ambiguidades que este “*double act*” representa, a presidente da Comissão Europeia quis tornar clara a sua posição num discurso na semana passada. Numa das suas mais importantes declarações até agora, tentou mostrar que, também na Europa, a era da primazia dos negócios sobre a geopolítica está a chegar ao fim.

Receosa de que as lições da invasão russa da Ucrânia acerca da necessidade de manter a distância com as potências autoritárias estejam a ser esquecidas, a mensagem de von der Leyen foi clara e direta. Apelou à Europa para ser “mais corajosa” com a China, argumentando que Pequim se tornou “mais repressiva em casa e mais assertiva no estrangeiro”. No essencial, a chefe da Comissão parece querer alinhar a Europa pela posição americana face a Pequim.

No pormenor, contudo, von der Leyen distinguiu-se de Washington. Em vez da estratégia americana de dissociação, que propõe o abandono total das cadeias de produção, a chefe da Comissão anunciou a estratégia de “*de-risking*”. Isto significa que a Europa deverá diminuir drasticamente o seu envolvimento tecnológico com a China. Deverá cortar os laços comerciais em sectores sensíveis como a electrónica, a computação quântica, a robótica, a inteligência artificial e a biotecnologia.

Em paralelo, a Europa e os EUA aprofundam a cooperação comercial nesta área. No novo Conselho de Comércio e a Tecnologia EU-EUA, estabelecido em 2021, a Comissão e a administração americana discutem as formas de criar um espaço digital baseado nos valores democráticos. A coordenação das abordagens é vista como essencial para que o Ocidente mantenha a curta vantagem que ainda mantém no desenvolvimento da inteligência artificial face à China. É convicção geral, mesmo para Vladimir Putin, que quem controlar a inteligência artificial controlará o mundo.

Apesar de ser mais limitada do que a abordagem de Biden, a estratégia de Von der Leyen, sendo implementada, alterará fundamentalmente os fluxos comerciais e os investimentos entre a UE e a China. Para isso, contudo, é necessário que os Estados

membros estejam dispostos a apoiar a Comissão. Pouco promissora é, por isso, a postura do seu companheiro de viagem, Emmanuel Macron.

<https://observador.pt/opiniao/o-momento-ursula/>